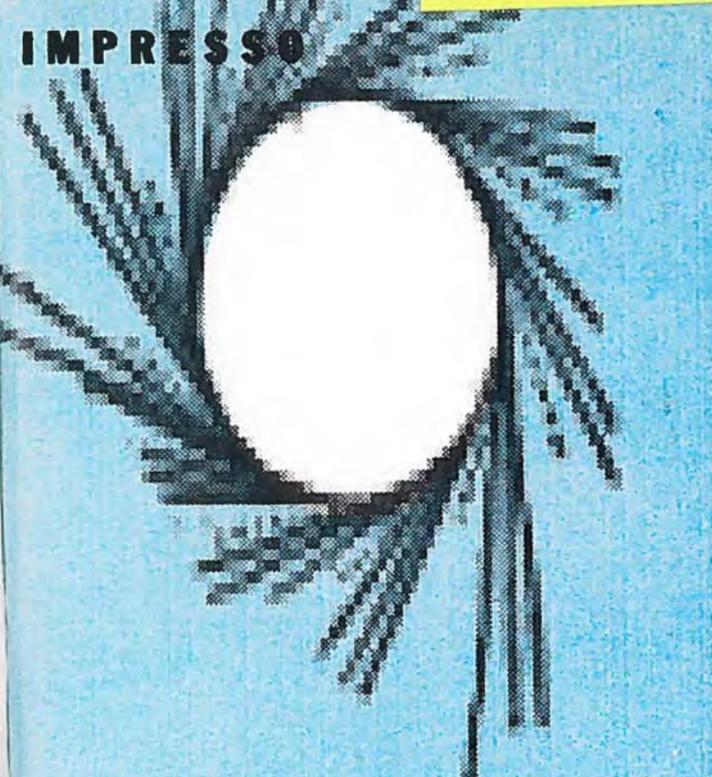


CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



Biblioteca/CLDF

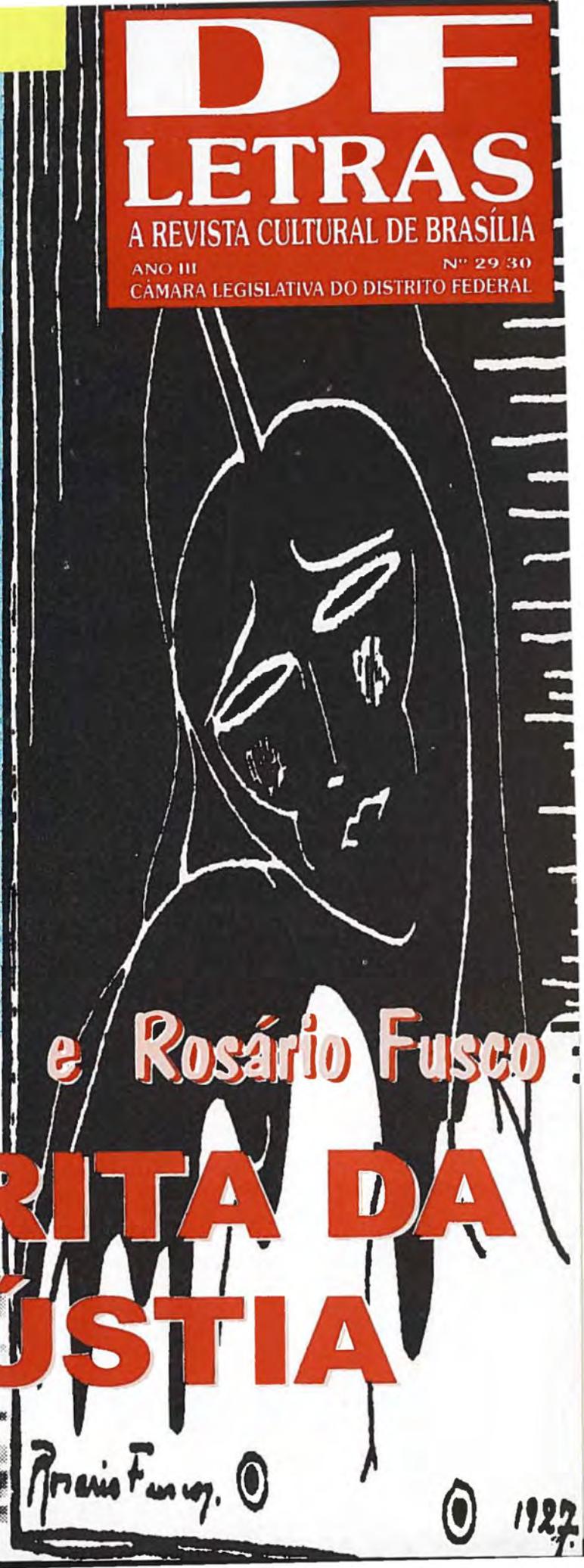
DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III

Nº 29/30

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



Graciliano Ramos e Rosário Fusco

**A ESCRITA DA
ANGÚSTIA**

Rosário Fusco ©

© 1927

GRACILIANO

Cidadão e artista

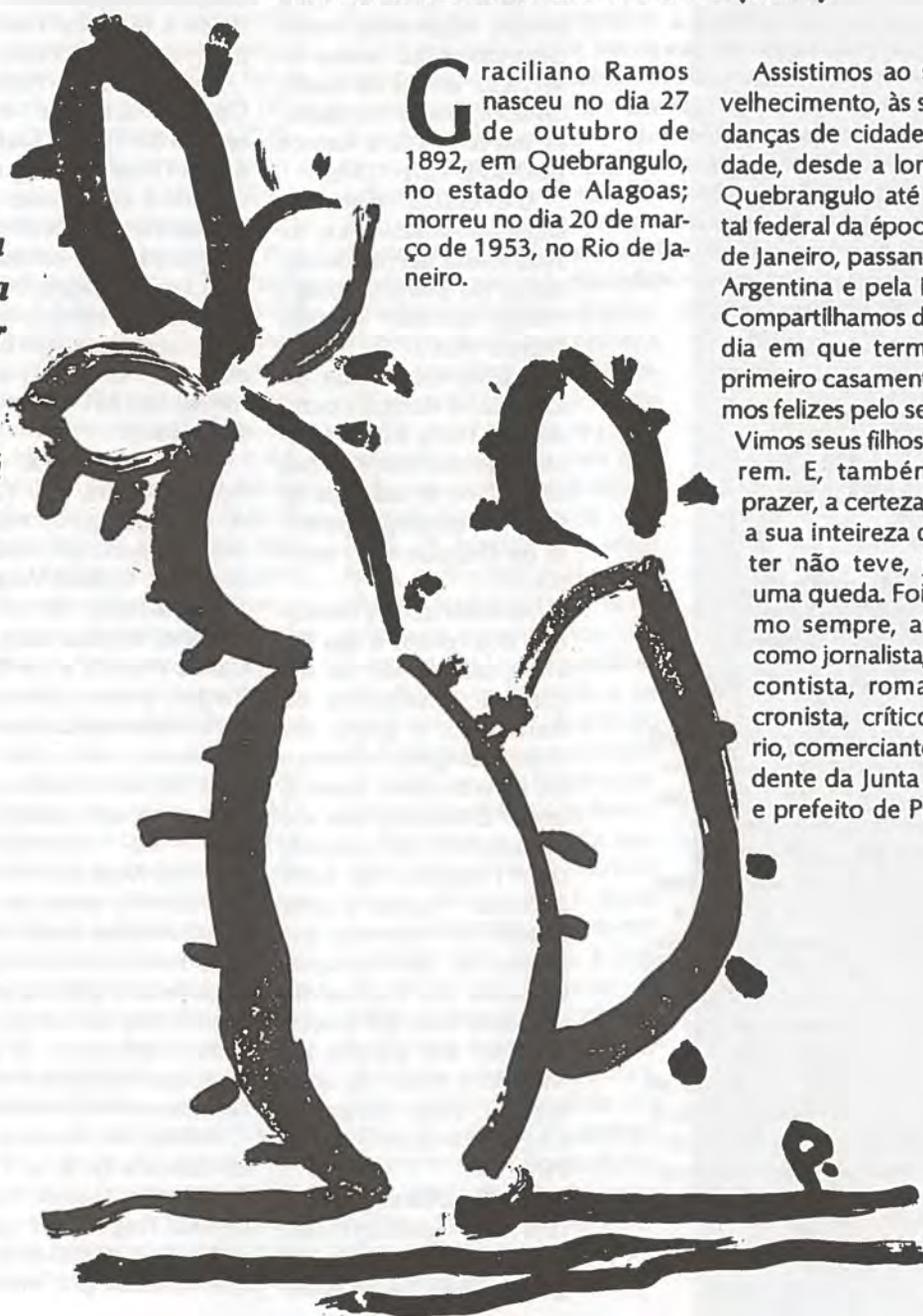
□ Carlos Alberto dos Santos (Abel)

Introverso, Graciliano Ramos foi sempre o mesmo mantendo durante toda sua vida “uma inteireza de caráter”. Ao estudar sua obra, Carlos Alberto dos Santos (Abel) conclui que “há a junção perfeita de cidadão e de escritor”.

Foi um político socialista, mas sua literatura não é panfletária.

Graciliano Ramos nasceu no dia 27 de outubro de 1892, em Quebrangulo, no estado de Alagoas; morreu no dia 20 de março de 1953, no Rio de Janeiro.

Assistimos ao seu envelhecimento, às suas andanças de cidade em cidade, desde a longínqua Quebrangulo até a capital federal da época, o Rio de Janeiro, passando pela Argentina e pela Europa. Compartilhamos da tragédia em que terminou o primeiro casamento. Ficamos felizes pelo segundo. Vimos seus filhos crescerem. E, também, com prazer, a certeza de que a sua inteireza de caráter não teve, jamais, uma queda. Foi o mesmo sempre, atuando como jornalista, poeta, contista, romancista, cronista, crítico literário, comerciante, presidente da Junta Escolar e prefeito de Palmeira





Jorge Cauhy
(PMDB)

Para corrigir uma injustiça praticada pelos sucessivos governos do DF contra os pioneiros de Brasília, apresentei, e já foi aprovado, projeto criando a Cidade dos Pioneiros. A proposta está nas mãos do governador, que pode vetar ou sancionar a iniciativa. Os pioneiros não podiam se candidatar à moradia, pela antiga Shis, por ganharem mais de três salários mínimos. Por conta dessa exigência a maioria dos pioneiros ficou excluída dos planos habitacionais implantados no DF. A região onde será localizada a Cidade dos Pioneiros ficará a critério do GDF, embora eu esteja negociando uma área próxima ao Catetinho.



Cláudio Monteiro
(PPS)

O livro, seja ele uma obra literária, científica ou artística, não serve apenas para instruir o leitor. Ao registrar conhecimentos, emoções, sentimentos e impressões do seu autor, liberta fantasias, desperta na alma a imaginação e a paixão pela vida. No ano em que comemoramos os cem anos da Guerra de Canudos, vale a pena lembrar "Os Sertões", a obra máxima de Euclides da Cunha. Muito mais do que um simples registro histórico de Canudos, a obra tornou-se monumento de nossa literatura, um grande poema épico em prosa.

dos Índios, diretor da Imprensa Oficial e diretor da Instrução Pública de Alagoas, preso político, inspetor federal no ensino do antigo Distrito Federal, membro do Partido Comunista do Brasil, presidente (eleito e reeleito) da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), professor de português, de italiano, de esperanto, revisor do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo (DIP) e tradutor.

Esse homem introvertido ainda exerceu uma função espantosa, considerando-se seu caráter reservado: artista de teatro amador, como nos declara sua filha, Clara Ramos (RAMOS, C., p. 35-6).

Devemos conhecer suas idiosincrasias, as suas idéias acerca do social e do político, como "homo sapiens" e como "homo fitus".

Estudando a vida de Graciliano Ramos - parodiando Lúcia Miguel Pereira - vemos que tal obra só poderia ter saído de tal homem; há junção perfeita do cidadão e do escritor.

As estórias dos romances, dos contos e das novelas, do mundo da ficção, são mediações do demiurgo, a partir do mundo empírico conhecido e vivido pelo autor. E isto é declarado por ele numa entrevista concedida a Francisco de Assis Barbosa: "Caetés é uma história de Palmeira dos Índios /AL. São Bernardo se passa em Viçosa/AL. *Angústia* tem um pouco do Rio, um pouco de Maceió e muito de mim mesmo. *Vidas Secas* são cenas da vida de Buíque/PE".

De Graciliano publicaram-se os seguintes livros: *Caetés, São Bernardo, Angústia, Vidas Secas, Infância, Linhas Tortas, Memórias do Cárcere, Pequena História da República, Viagem, Videntes das Alagoas, Histórias de Alexandre, a Terra dos Meninos Pelados, Insônia, Brandão entre a Terra e o Amor*.

Este último de parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Raquel de Queirós.

Foi um artista, mas, antes de tudo, um cidadão. Não se alienou, para criar... Criou dentro de um contexto e de uma situação sócio-política, definida e objetiva. Escritor profissional e político.

Ingressou no Partido Comunista no dia 18 de agosto de 1945. Quando a filha Clara lhe pergunta o porquê da atitude, responde-lhe: "Naturalmente, porque sou comunista. É uma resposta besta, mas não tenho outra. Acho que deixei isso bem claro na minha vida e na minha escrita". (RAMOS, C., p. 166).

Em *Memórias do Cárcere* (RAMOS, G., 1979 A, v. 2, p. 263-7) relata uma das grandes crueldades do Sr. Getúlio Vargas: a extradição de Olga Benário, esposa de Luís Carlos Prestes, e de Elisa Berger, presas políticas, para a Alemanha nazista. O ditador sabia que as duas, sendo comunistas e judias, seriam assassinadas na Alemanha nazista. Mas, assim mesmo, contra todas as razões humanas, ainda mais se considerarmos que Olga estava grávida, perpetrou esse ato torpe, canalha e selvagem. As páginas que lembram esse fato choram e protestam.

Ainda em *Memórias do Cárcere* (v. 2, p. 126-7), temos o caso do marinheiro Tiago. Um caso kafkiano. Acreditável, porque contado por Mestre

Graça. Tiago, brasileiro, marinheiro, servindo na marinha inglesa. Vem ao Brasil cheio de amor. Vai descarregá-lo no mangue. Volta ao cais do porto. Um motorista de táxi resolve escorchá-lo. Tiago protesta. Não quer pagar o pedido pela corrida. "Berros do chauffeur: - Ladrão, comunista". Preso. Delegacia. Interrogatório. Tiago queria apenas regressar ao navio. Não deixam.

"— Está bem, está bem, resolvera o delegado. Você fica. Não é bom que esse negócio seja contado lá fora. Você fica". — "Doutor, afirmara Tiago, prometo não dizer uma palavra, esquecer-me do Brasil. Se me aparecer numa rua a nossa bandeira ou estiverem tocando o hino nacional, torço o caminho, volto, passo longe. E deixo de falar português". Essa promessa de nada servira. Tiago virara comunista, perdera o lugar no pacote - e, de cabeça raspada, vestindo zebra, carregava tijolos na Colônia Correccional.

Para justificar a absurda prisão de Tiago só uma explicação: "O Governo se corrompera em demasia; para aguentar-se precisava simular conjuras, grandes perigos, salvar o país enchendo as cadeias".

A literatura é a memória do povo. Aprende-se mais com os literatos do que nos compêndios da história oficial. O Major Graça, em *Videntes das Alagoas* (RAMOS, G., 1980 D, p. 63), acerca da Revolução de 30, em Maceió, apresenta-nos fatos que se repetem no nosso País sem memória.

"A maioria animava-se de verdade, oferecia moedas de prata para a liquidação da dívida externa, esperava que os alto-for-

nos se construíssem de repente, corresse petróleo e a população subisse a duzentos milhões. Esses desejos encurtaram-se, mas ainda ficaram extensos, e moços verbosos, falando muito na realidade brasileira, procuraram em países distantes receitas convenientes aos males nacionais. Os políticos maduros, educados na poesia e na retórica, arrepiavam-se ouvindo sujeitos imberbes que se agarravam à economia e à sociologia, citavam livros desconhecidos.

- Que materialismo!"

Acerca do valor da vida humana e do valor da propriedade no Nordeste, informa-nos secamente: "Como a riqueza é constituída principalmente por animais, o maior crime que lá se conhece é o furto do gado. A vida humana, exposta à seca, à cobra e à tropa volante, tem valor reduzido - e por isso o júri absolve regularmente o assassino. O ladrão de cavalos é que não acha perdão. Em regra não o submetem a julgamento: matam-no." (RAMOS, G., 1980 D, p. 129-30).

Abordando os partidos políticos no Império, na *Pequena História da República* (1979 B, p. 136), faz críticas que continuam pertinentes aos nossos dirigentes de hoje: "Em geral essas personagens se filiavam num dos grandes partidos que aqui brigavam: o Liberal e o Conservador. Um deles dirigia os negócios públicos. O outro, na oposição, dizia cobras e lagartos dos governantes, até que estes se comprometiam e S. M. os derrubava e substituíam pelos descontentes que eram depois substituídos. Os programas dessas facções divergiam, é claro, mas na prática elas se assemelhavam bastante.

E como apenas duas se revezavam no poder, facilmente se tornavam conhecidas e não inspiravam confiança".

Conta-nos fatos do passado que, infelizmente, se repetem no presente. Os pobres nordestinos, na falta de dinheiro, tinham (têm) um outro modo de ganhar os meios de pagamento dos impostos: "Na cidade, havia numerosas meretrizes, um horror de meretrizes, até crianças de doze anos, impostos arrancado aos que não possuíam fazenda.

Os homens remediados, que o Coronel afligia em horas de rabujice, não pagavam impostos ou pagavam muito pouco. E Fernando, parente próximo do governador e fiscal da Intendência, atenuava a oposição, esfolava matutos nas feiras, colhia virgindades." (RAMOS, G., 1980 A, p. 218).

Ezra Pound situa bem a posição do poeta: são as antenas do povo. Graciliano pode abrigar-se nessa conceituação. Após a Revolução de 32 houve a revoadada dos políticos alagoanos para a capital federal. E o escritor, mostrando todo o seu desapontamento, escreveu (RAMOS, G., 1981, carta n. 63): "Valdemar me disse há uns dias, em carta, que os políticos daí (os retirantes, bem entendido) estavam arrumando malas. Já seguiram viagem? Desejo de coração que o navio em que embarcaram vá ao fundo e que os outros passageiros se salvem."

Foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios em 1927. O comunista Graciliano (ainda simpatizante - não dos quadros partidários), em um relatório, declara: "No ano passado, houve supressão de várias taxas que existiam em 1928. A receita, entretanto, calculada em 68:850\$000, atingiu 96:924\$985.

E não empreguei rigores excessivos. Fiz apenas isto: extingui favores largamente concedidos a pessoas que não precisavam deles e pus termo às extorsões que afli-

giam os matutos de pequeno valor, ordinariamente raspados, escorchados, esbrugados pelos exatores." (RAMOS, G., 1980 C).

O escritor detestava os militares. Contudo declara, em *Memórias do Cárcere* (RAMOS, G., 1979 A, v.1, p. 63-4), que, como prefeito observara que os "melhores trabalhadores, os mais eficazes, tinham sido soldados". Mas, mesmo traçando esse quadro propício aos "vestidos de verde", não deixa de associá-los às suas desventuras políticas: "Chegamos ao quartel do 20º Batalhão. Estivera ali em 1930, envolvera-me estupidamente numa conspiração besta com um coronel, um major e um comandante de polícia, e vinte e quatro horas depois achava-me preso e só. Dezesseis cretinos de um piquete de Agildo Barata haviam fingido querer fuzilar-me. Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado. Parecera-me então que a demagogia tenentista, aquele palavrorio chocho, nos meteria em atoleiro. Ali estava o resultado: ladroagens, uma onda de burrice a inundar tudo, confusões, mal-entendidos, charlatanismo, enurghúmenos microcéfalos vestidos de verde a esgoelar-se em discursos imbecis, a semear delações. O levante do 3º Regimento e a revolução de Natal haviam desencadeado uma perseguição feroz."

Minimiza a ação da censura: na sua linha de raciocínio, a censura não o impediu de escrever: "Restar-me ia alegar que o DIP, a polícia, enfim os hábitos de um decênio de arrocho, me impediram o trabalho. Isto, porém, seria injustiça. Nunca tivemos censura prévia em obra de arte. Efetivamente se queimaram alguns livros, mas foram raríssimos esses autos-de-fé. Em geral a reação se limitou a suprimir ataques diretos, palavras de or-

dem, tiradas demagógicas, e disto escasso prejuízo veio à produção literária. Certos escritores se desculparam de não haverem forjado coisas excelentes por falta de liberdade - talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. Não será impossível acharmos nas livrarias libelos terríveis contra a república novíssima, às vezes com louvores dos sustentáculos dela, indulgentes ou cegos. Não caluniemos o nosso pequenino fascismo tupinambá; se o fizermos, perderemos qualquer vestígio de autoridade e, quando formos verazes, ninguém nos dará crédito. De fato ele não nos impediu escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse exercício." (RAMOS, G., 1979 A, v.1, p. 33-4).

O Major Graça publicou apenas três romances, *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*, e uma novela *Vidas Secas*. Fica a pergunta: apesar de brilhante, tão parca produção literária não terá sido consequência do fascismo tupiniquim e do seu instrumental, a censura policial, brutal?

Graciliano tem uma extensa ligação com a imprensa. Em 1904, com doze anos, funda e dirige um periódico infantil, com 200 exemplares de tiragem, impresso em Maceió: o *Dilúculo*, órgão do Internato Alagoano de Viçosa.

Quando morreu em 1953, prestava seus serviços de revisor no Correio da Manhã. Eram seus companheiros, Otto Maria Carpeaux, Alvaro Lins, Antônio Callado, Paulo Mendes Campos, Otto Lara



Manoel de Andrade
(PMDB)

É surrado, mas verdadeiro: "Um país se faz com homens e livros". Contudo, no Brasil, antes dos livros, temos que pensar na alfabetização dos homens. Definitivamente, não podemos ter um país digno enquanto campear a fome, a miséria absoluta e o analfabetismo. Não podemos falar em globalização e coisas do gênero enquanto carregamos a nódoa de centenas de milhares de famintos e analfabetos. Ainda que o mercado editorial tenha crescido, o que é digno de aplausos, precisamos ter sempre em mente a necessidade de ensino básico gratuito e de qualidade para termos, efetivamente, um país com homens e livros.



Lúcia Carvalho
(PT)

Gostaria de parabenizar a iniciativa da equipe do DF Letras que desde a edição passada divulga encarte impresso em braile. Acredito que esta medida certamente será aplaudida pelos 2 mil e 700 portadores de deficiência visual que vivem hoje em Brasília. Também com o objetivo de reduzir os muitos obstáculos que tanto dificultam o cotidiano das pessoas portadoras de deficiência visual, apresentei o projeto de lei determinando que bares, lanchonetes, restaurantes e estabelecimentos similares adaptem suas listas de preço e cardápios ao uso por deficientes visuais. Todas as formas de ajuda na socialização dos deficientes devem ser expandidas.

Resende, Aderson Magalhães.

Revisava, porém recusava-se a escrever no jornal. Pensava que a imprensa colocava-se servilmente às ordens da burguesia. Assim sendo, não confiável. Esse pensamento, ele o traduz cruamente num episódio narrado pela filha, Clara Ramos, num diálogo com José Condé: "E quando José Condé lhe apresenta uma lista de adesões para um jantar comemorativo do aniversário de Paulo Bittencourt, o velho Graça não pensa em aderir a coisa nenhuma:

- Quê?! Sentar-me à mesa com patrão? Todo patrão é um filho da puta! O Paulo é o menos que conheço. Mas, de qualquer maneira, é patrão.

No dia seguinte o aniversariante empurra a porta do Petit Trianon:

- Quer dizer então que você xingou minha mãe!

- Quando? — estranha Graciliano.

O outro lhe refresca a memória, ouve a explicação de que representa o melhor mau-caráter de sua classe. E com luva de pelica responde ao elogio a cada aniversário do romancista, convocando-o a esgotar uma garrafa de vodka em seu gabinete. Esses convites são irrecusáveis." (RAMOS, G., p. 212).

Um escritor, um grande escritor, contudo tinha uma visão perversa do literato: "Somos ásperos. Egoístas, mesquinhos, a naufragar, buscando terra dentro do nevoeiro. A terra está próxima, chegaremos lá. Difícil entender isso. E continuamos a arranhar-nos." (RAMOS, G., 1980 Bp. 269).

E os editores? Sem palavra, descumprem os prazos para as publica-

ções e são parcos no pagamento do dinheiro devido. Uma exceção à regra: a Editora José Olympio. Graciliano, ainda preso político, e, mesmo assim, o editor publica *Angústia*. E um adendo: também ofereceu pagamento adiantado.

"José Olympio manda o romance para a composição. Temeridade igual à de José Lins. Afinal o editor nunca me vira, nada o aconselhava a expor um livro de autor excomungado pelas normas vigentes. Perigo, impossível adivinhar as consequências. Iam talvez chamá-lo à delegacia para esclarecimentos, depois enviá-lo à Casa de Detenção. Em segredo, com certeza: os jornais guardariam silêncio. Os originais estavam salvos, na oficina. Difícil escaparem os volumes: seriam apreendidos, julgados nocivos, queimados. Perdiam-se os gastos de impressão, o negociante de escritos metia o rabo na ratoeira." (RAMOS, G., 1979 A, v. 1, p. 367).

E os professores? Carcereiros, gramatiqueros, improvisados, ignorantes, espancadores, atrasados, criminosos, analfabetos, malucos, paus-d'água, cavalos, burros. Clara Ramos conta-nos do professor Graciliano: "Ele chega do *Correio da Manhã* pelas 11 e, ao sentar-se à mesa, está pedindo a Deus uma companhia. Logo que começa a enumerar suas novidades, a estudante ali presente deve mostrar que é pessoa séria, sem tempo para conversa. E corta-lhe a palavra lendo em voz alta o ponto que tem a estudar. Ele ouvirá atento. Até o instante que, concordando vagamente com o exposto, lhe ocorrer ter

sido, no entanto, omitido determinado aspecto fundamental etc. e coisa. Ou explodir em impropérios contra o professor, um cavalo, um criminoso lombrosiano que emburra os alunos, leva-os a desaprender o que aprendem em casa. Em qualquer das alternativas, é hora de fechar os cadernos. E ouvir a aula essencial sobre o assunto provocado. Nenhuma empoação, nenhum manei-rismo didático. Em sua espontaneidade, o pai não parece consciente de estar ministrando uma aula. Os professores, entretanto, se reduzem. Não de pensar em pesquisas complicadas, viagens à Biblioteca Nacional, consultas a obras raras. Entra ano, sai ano, o velho Graça é o primeiro da classe." (RAMOS, C., p. 201).

Jamais faz a apologia do cangaço. É um crítico acerbo, duro, de Lampião. Despe-lhe a áurea romântica, apresenta-o de corpo inteiro, um assassino cruel e mesquinho...

"Lampião era religioso, não por temperamento por hábito e por influência do Padre Cícero do Juazeiro. E, religioso, entrando numa igreja de povoação conquistada, tirava uma nota de quinhentos mil-réis da capanga e introduzia-a na rachadura da caixa das almas, a punhal.

Isso não o impedia de violar mulheres na presença dos maridos amarrados.

Lampião era um monstro, tornou-se um monstro símbolo de todas as monstruosidades possíveis." (RAMOS, G., 1980 D p. 150-2).

Alagoas é a terra do cidadão Graça. Não do seu túmulo. Não perdoa Alagoas nem os alagoanos por sua prisão em 1936.

Numa carta a Heloísa, sua segunda esposa, afirma que só voltaria a Alagoas, se "pudesse oferecer a isso um terremoto que acabasse com tudo". (RAMOS, G., 1981, carta n.98). Uma vez, pilhéricamente, "considerando não existir um acidente de expressão na costa pouco recortada do Brasil, irá arrumar para o golfo de que carece o país uma situação ideal: Alagoas daria um excelente golfo." (RAMOS, C., p. 120). Jura e cumpre: "O essencial era retirar-me de Alagoas e nunca mais voltar, esquecer tudo, coisas, fatos e pessoas". (RAMOS, G. 1979 A, v. 1, p. 40).

Considerando-se que o homem é o filho do homem, vemos que o Major Graça foi marcado por uma meninice dominada pelo medo e pela infelicidade. Criado afastado dos meninos de sua idade, medo de gente, do sobrenatural, das almas do outro mundo, do inferno. Medo da violência do pai truculento. Objeto do sarcasmo dos outros meninos. Um menino domado ...

Tinha horror ao carnaval: "Marchei para a Galeria Cruzeiro, mas a travessia foi lenta por causa dos cordões carnavalescos. Horríveis, horríveis. Num carro, gente miúda e escura, provavelmente a negrada faminta do morro, ria e dizia para baixo: "Guarda o seu sorriso". Pensei numa porção de besteiras e quando dei por mim estava quase gritando: horrível, horrível." (RAMOS, G., 1981, carta n. 88).

Destestava pederastas passivos. Quando esteve preso na Casa de Correção, um dos muitos crimes do getulismo, tinha um amigo, Walter Pompeu. Pompeu, sabendo da sua aversão pelos homossexuais, uma, duas vezes por semana, sentava-se ao lado de Mestre Graça e chamava-lhe a atenção para um copeiro homossexual:

— "Olhe a cara do Aleixo. Coitado é um infeliz. Você tem razão.

Ficava um instante a comiserar-se. E, em seguida: — Você tem coragem de comer isso? Vou jurar que os talheres estão sujos de esperma." (RAMOS, G., 1979 A, v. 2, p. 212).

Rosnando impropérios, Graciliano desviava-se do prato, largava a comida cheio de náusea e xingava Pompeu. E aí Pompeu, rindo desbragadamente, consumia a ração de Graciliano.

E o ciúme? Constante na sua literatura. Constante na sua vida. Heloísa, a segunda esposa ainda viva, machucava-o com seu ciúme paranoico. Na véspera de sua prisão, no dia 2 de março de 1936, tentava melhorar o romance *Angústia* e declarava nas *Memórias do Cárcere* (1974 A, v. 1, p. 42): "Necessário ainda suar muito para minorar as falhas evidentes. Mas onde achar sossego? Minha mulher vivia a atenuar-me com uma ciúmeira incrível, absolutamente desarrazoada. Eu devia enganá-la e vingar-me, se tivesse jeito para essas coisas. Agora, com a demissão, as contendas iriam acirrar-se, enfurecer-me, cegar-me, inutilizar-me dias inteiros, dias inteiros deixar-me apático e vazio, aborrecendo o manuscrito."

Nega o futebol, afirma o jogo do bicho. Ironicamente, eleger um outro esporte, nacional por excelência: "Reabilitem os esportes regionais, que aí estão abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil ao cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavalhada, e, melhor que tudo, o cambapé, a rasteira.

A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência." (RAMOS, G., 1980, p. 82-3).

Graciliano era ateu. E isso diz ao pai numa carta (RAMOS, G., 1981, carta n. 24): "Aqui não sou propriamente um santo, mas vou em caminho do céu, apesar de o senhor pensar que sou um bocado ateu. Essa suposição do senhor não quer dizer nada. Eu não me pareço ateu, como está em sua carta. Sempre o fui, graças a Deus, como dizia o saloio... O Deus está morto, coitado!"

Qual o embasamento literário do menino Graciliano? O barão de Macaúbas; Camões, abominado pelo estudante de apenas sete anos; histórias do folclore nordestino; as lições religiosas de Padre Pimentel - aos dez anos, o encontro com *O Guarani*; depois Joaquim Manuel de Macedo, Júlio Verne; o tabelião Jerônimo Bastos que lhe falava de Napoleão, de Robespierre e de Marat; a literatura naturalista de Aluísio Azevedo; a obra de Emile Zola e de Victor Hugo.

Segundo informa Ricardo Ramos, já falecido, Mestre Graça, adulto, julgava *A Ilustre Casa de Ramires* e *Os Maias*, as melhores obras de Eça de Queiroz; recitava de cor poemas de Manuel Bandeira; considerava *Guerra e Paz*, de Tólstoi, o melhor romance da literatura mundial; tinha preferências manifestas por Gogol, Tchekhov, Andreiev e Dostoiévski; e, espantoso, sabia tudo da Bíblia, ele, um ateu confesso!

Desgostava-se da crítica. Satirizava-a. Negava-a, mas valorava-a. Agastava-se com a do Rio de Janeiro, porém era cáustico com a de São Paulo. Chegava a compará-la com a alagoana, a da famigerada Alagoas.

"Acredita você que me vieram falar nos relatórios da prefeitura de Palmeira dos Índios? Pois é verdade. Por onde me vire esses infames relatórios me perseguem.

Ninguém leu *Angústia* mas vi pessoas que acham *Caetés* um excelente livro. Fiquei encabulado a princípio, depois lembrei-me de que estava em São Paulo, onde essa história de literatura não é muito melhor que em Maceió. Excetuando um número reduzido de criaturas, algumas decadentes, o resto não se afasta muito de Armando Wucherer." (RAMOS, G., carta n. 91).

A atitude do escritor, em relação aos seus escritos, aparece bem marcada numa carta escrita à irmã Leonor Ramos (RAMOS, G., 1981, carta n. 25), em 10 de julho de 1915, quando ele estava tentando a vida na imprensa, no Rio de Janeiro.

"Vive sempre a gente a ter dúvida sobre se vale ou não alguma coisa. Quando se é moço, é-se arrojado a valer, tem-se o desplante impagável de andar jogando à publicidade todas as sandices que vão pingando do bico da pena. Depois, com a idade, vem o receio, a dúvida. "Isto prestará? Valerá a pena lançar isto?" E o que fazemos hoje e nos parece bom afigura-se-nos amanhã detestável. E perguntamos a nós mesmos: "A opinião de Fulano terá sido sincera? Essa gente procederá de boa fé?" Vem-nos por fim uma reflexão decisiva. Se nossas produções ficarem sempre inéditas, nunca poderemos, por nosso próprio julgamento, saber se elas prestam.

É preciso ser afoito, imodesto, cínico até. Não poderás saber a quantidade de pedantismo necessária a um tipo desta terra, onde tudo é "fita", para embaixar a humanidade.

Eu sou de uma timidez obstinada. Não posso corrigir-me. E, contudo, preciso modificar-me, fazer "réclame", estudar "pose". Santo Deus! É terrível!"

O Major Graça, num exercício premonitório, adianta argumentos irrespondí-



Wasny de Roure
(PT)

A tecnologia nos fez anunciar o fim do livro com o advento do rádio; o fim do rádio com o advento do cinema; o fim do cinema com o advento da televisão. Pois bem, hoje estamos todos navegando na Internet e continuamos vendo televisão, indo ao cinema, ouvindo rádio e lendo. Entre os meios de comunicação e conhecimento, o livro tem um lugar de destaque: é o único capaz de nos explicar como lidar com todos os outros. E de permitir que cada um de nós crie sua própria história. É ele que nos abre as portas da imaginação. Minha Tiêta, com certeza, não se parece com a sua.



Tadeu Filippelli
(PMDB)

Por mais repetida que tenha sido, chegando à beira do chavão, a sentença de Monteiro Lobato, "Um país se faz com homens e livros"; constitui uma daquelas verdades inquestionáveis, que jamais cairá no esquecimento. Por maior, mais rica e mais desenvolvida que seja uma nação, ela nunca alcançará a plena e total independência se não for assimilada por sua população a cultura transmitida pelos livros.

veis com relação à possibilidade de vitória dos comunistas em 1935: "Viera a derrota - e agora queria persuadir-me de que findara um episódio e a luta ia continuar. Certamente haveria mais precaução no desempenho do segundo ato.

E aquele revés tinha sido conveniente, pois não existia possibilidade de se agüentar no Brasil uma revolução verdadeira. Se ela vencesse internamente, os nossos patrões do exterior fariam a intervenção. Uma escaramuça, portanto. Os ensinamentos adquiridos seriam úteis mais tarde. De qualquer modo era necessário que nos preparássemos." (RAMOS, G., 1979 A, v. 1, p. 82).

E Graciliano estava correto. Enquanto a burguesia dava o golpe em 64, encaminhava-se para o Brasil uma força-tarefa norte-americana - a operação "Uncle Sam" - a fim de nos invadir pelo porto de Santos. Uma força-tarefa que se juntaria aos golpistas verde-amarelos, liderados por Ademar de Barros, Carlos Lacerda e Magalhães Pinto - a fina flor do entreguismo. Observemos, ainda, que o governo de João Goulart, um senhor latifundiário, era apenas humildemente reformista, jamais revolucionário.

O escritor acertou na mosca. Se Jango houvesse reagido - e não reagiu, para não lutar contra sua classe - teríamos os horrores do Vietnã em nosso país. Agora, uma coisa é certa! Os americanos teriam hoje, para lamentar, dois Vietnãs.

Penso que todas essas informações são importantes, para estudarmos o cidadão-escriptor, como

nos dizem Wellek e Warren: "A filiação, atitude e ideologia sociais de um escritor podem ser estudadas não apenas nos seus escritos, mas também, muitas vezes, em documentos biográficos extra-literários. O escritor foi também um cidadão; pronunciou-se, também ele, sobre questões de importância social e política; tomou parte nos sucessos de seu tempo." (WELLEK & WARREN, p. 121).

Podemos acrescentar ainda que o elemento autobiográfico ajuda-nos na compreensão da obra literária, como afirma Afrânio Coutinho (COUTINHO, v. 1, p. 44), e também para o esclarecimento da crítica.

Isso é corroborado por Wellek e Warren (p. 97), quando dizem que a biografia "pode explicar um grande número de alusões, ou até de palavras na obra do autor" e ajudar-nos a compreender a evolução (ou a involução) do escritor e várias outras questões de história literária, como o enquadramento na sociedade da época.

A literatura de Graciliano Ramos é regionalista e universal. Mas um universal que não é abstrato e absoluto com a pretensão de ser válido para qualquer tempo, qualquer sociedade e qualquer época histórica. Não! A literatura graciliânica acontece numa determinada região, o Nordeste brasileiro, em determinada época histórica, fim da década de 20 e em toda a seguinte, no seio daquela sociedade, sofrida sociedade de ontem e de hoje - é literatura concreta e relati-va.

Foi um político, um político socialista, mas sua literatura não é panfletária, não trabalha com teses e concepções apriorísticas.

Graciliano, jamais, a pretexto de fazer literatura, impinge-nos as suas idéias políticas. Como Engels escreveu, numa carta, a Minna Kautsky, acerca do seu romance *Os velhos e os Jovens*: "Os russos e os noruegueses modernos, que escrevem excelentes romances, são todos poetas *de tese*. Mas creio que a *tese* deve brotar da própria situação e da própria ação, sem que seja explicitamente formulada. O poeta não é obrigado a dar já pronta ao leitor a solução histórica futura dos conflitos sociais que descreve". (KONDER, p. 30).

Inclusive, porque o escritor, parodiando Mao-Tsé-Tung, tem a palavra, mas não tem o fuzil.

E o que faz Graciliano com a palavra? Depura a realidade, a fim de que ela surja imediatamente aos nossos olhos - o que não ocorre na vida cotidiana - em sua contrariedade essencial - mostrando-nos as forças reacionárias e o fetichismo.

A visão do mundo de Graciliano é uma visão universalista, um ponto de vista próprio de todo o gênero humano.

Atentou para as agruras do povo, a desagregação, a alienação do sistema capitalista, problemas inerentes a uma divisão social injusta.

Finalizando, os romances de Graciliano Ramos têm uma conceituação feita por ele mesmo e que penso se aplicar à sua obra e à sua vida: *Arte e sangue, e carne*.